

3ª Jantar da Liga, 15 de Outubro de 2009

Uma vez mais tenho o gosto e a alegria de cumprimentar todos os participantes neste jantar e de lhes agradecer esta generosa comparência. Quero dizer, também, que sinto este cumprimento e este agradecimento de cada vez menos, como um acto formal de educação e cortesia e, de cada vez mais, como um aceno afectuoso de família, de quem sente partilhada uma preocupação que, porque a todos incomoda, a todos compromete e une.

Ortega e Gasset dizia que “os homens não convivem por estarem juntos, mas para fazerem alguma coisa juntos”. Quem poderá ter dúvidas, pois, de que nesta noite, no casino Solverde há um convívio!

Que é convívio diz-nos Gasset. Por que é no Solverde já todos sabemos. A generosidade da família Violas é um elemento fulcral neste acontecimento de solidariedade. E nós, para agradecermos, não temos palavras novas; só temos as antigas. Mas só as palavras é que são as mesmas e as antigas, porque o sentimento de gratidão que as dita é sempre novo e é de cada vez mais vivo e solene.

Na pessoa da ilustre Senhora e nossa Amiga, D. Celeste concentramos toda a expressão do nosso agradecimento pela benevolente oferta deste espaço magnífico e por todas as facilidades que, com tanta disponibilidade e grandeza, nos vem oferecendo.

Sinto-me como um eremita que retoma o fio das suas preces que, apesar de repetitivas e monótonas, nem se esgotam, nem prescrevem.

Aqui me têm, pela terceira vez, a dar conta do que vamos fazendo, mas também das nossas dúvidas e incapacidades neste diálogo difícil entre pedir e dar, entre o que se pode e o que se deve fazer.

As Ligas destinam-se, como a própria palavra indica, a ligar, a ligar pessoas, a aproximar interesses, a encurtar distâncias e, por isso, a compensar um dos paradoxos mais gritantes das sociedades contemporâneas: a solidão.

Se alguma coisa caracteriza os tempos actuais é a facilidade de comunicar. Nunca foi tão fácil comunicar. Comunicar é, hoje, quase obrigatório. Mais

de dois milhões de portugueses têm computadores; a população inteira viaja na Internet. Não há família que não tenha televisões, DVDs, telefones fixos, telefones móveis. Há, em Portugal, treze milhões de telemóveis, um número superior ao número de portugueses.

Todavia, todavia, nunca houve tanta solidão, tanto abandono. Nunca, na verdade, se comunicou tão pouco. Há mães que enjeitam os filhos porque se sentem sós; velhos que morrem sem se dar por ela; nunca tanta gente se sentiu tão infeliz; os idosos queixam-se; os novos revoltam-se; os infantários não chegam, os lares transbordam!

Apesar da riqueza dos meios de comunicação, as pessoas vivem sós. E se, com saúde, esse viver só é pouco doce, estar só e doente é muito amargo!

O nosso combate não é apenas o da solidão, mas tem muito a ver com ela, porque a doença não se partilha. Na doença estamos sempre sós!.

E o que é que nós temos feito que possa ter contribuído para acudir a algumas das situações de sofrimento, a preencher alguns desses imensos intervalos onde não chega a acção do Estado nem a eficiência da actividade assistencial?

Continuamos a distribuição de aparelhos de televisão pelas áreas comuns que servem zonas inteiras do hospital. E são muitas essas áreas e são mais as pessoas que usufruem desse benefício. É grande o conforto conferido por esse instrumento tão vulgarizado e banal a quem tem, quantas vezes, como única companhia, a solidão sem esperança dos outros.

Com a parceria que estabelecemos com a Fundação Vitor Baía foi possível dar apoio a mais crianças diabéticas que careciam de bombas de infusão para uma normalização mais fácil e rigorosa dos seus níveis glicémicos. O hospital ainda não pode chegar aí!

Distribuámos dispositivos GPS a uma equipa que faz assistência domiciliária e, que, por vezes, tinha dificuldade em encontrar as residências dos doentes que procuravam.

Enfeitámos a sala de espera do Serviço de Cirurgia Pediátrica com pinturas do Noddy e do Ruca, esses bonecos vivos que os adultos dispensam, mas que as crianças adoram!.

Oferecemos 3 cadeirões eléctricos ajustáveis a cama para que os pais dos meninos operados possam acompanhar os filhos. O Estado ainda considera um luxo essa companhia.

Correspondendo a um pedido do serviço de humanização, subsidiámos a publicação de alguns milhares de panfletos que funcionam como manuais de instruções para quem procura utilizar o nosso hospital: como doente, ou como visita.

Foi pouco. É e será, sempre pouco.

Alivia-nos o facto de que nunca nenhuma instituição esteve, está ou estará ao exacto nível do programa que se propõe, porque a realidade fica sempre aquém dos propósitos, particularmente quando os propósitos se dirigem a pessoas e os objectivos não têm limite superior!

Mas, se é nossa preocupação constante e predominante obter fundos que nos permitam acudir ás situações mais dramáticas, preocupa-nos, também, e muito, a **correcta aplicação** do pouco que temos tido para oferecer.

Quanto ao primeiro aspecto devo dizer que o número dos nossos associados, normais e beneméritos é, ainda, muito reduzido e nós vamos intensificar o nosso esforço para a o aumentar.

Temos consciência das dificuldades do momento. Quem não a tem. Mas, também sabemos que é nos momentos de crise que o espírito e as mãos mais se abrem.

É com muita alegria que, neste âmbito, passamos a contar com mais um associado benemérito, O Jornal de Notícias. Quero agradecer ao Senhor Director desse prestigiado jornal, Sr. Dr. Leite Pereira e ao Senhor jornalista historiador Germano Silva a pronta anuência ao nosso convite.

Quanto à segunda vertente, a da correcta aplicação dos fundos de que temos disposto, é claro que o que temos para dar ou o que podemos e devemos dar não chega, nem nunca chegará para tudo o que nos pedem. Por isso, mais do que dar ou não dar, aprovar ou rejeitar, atender este ou aquele, importa avaliar situações e ser justo, tendo sempre presente que nem sempre quem pede, pede bem, e muitas vezes, quem dá, dá mal!

Nem sempre é fácil fazer essa opção fundamental entre o que se deve e o que se não deve apoiar. As contas que, uma vez por ano e nesta oportunidade aqui prestamos e queremos continuar a prestar incluem, também, por isso e muito sinceramente, um pedido de sugestões.

Este encontro é, quase uma assembleia geral e, por isso, este meu apêlo Terá o seu quê de inusitado e, talvez, o seu quê de impertinente. Mas tem tudo de sincero!

Visitem-nos, contactem-nos, telefonem-nos, digam-nos alto o que acham melhor, entrem no jogo.

Porque ter como objectivo fazer bem, ninguém tem dúvidas de que é louvável, de que é bonito, mas é vago: é largo de mais e fundo de menos. A fronteira entre aquilo que é dever do Estado e o que pode ou deve cair no âmbito de acção de uma Liga de Amigos é pouco nítido e varia muito com as circunstâncias.

Por outro lado, quem poderá definir onde acaba a necessidade básica e começa o pequeno luxo.

O pão de milho alimenta tanto e tão bem como o pão molete, mas a maioria das pessoas prefere o pão molete. O outro é mais duro e torna mais pesada e lenta a digestão.

Desejava, finalmente, dar conta de uma decisão que tem a ver com a alusão à unidade pediátrica do Hospital de S. João, que apareceu no convite que enviámos para este jantar. A recente criação do Centro Materno-infantil afasta o Hospital de S. João da possibilidade de oferecer às crianças que o procuram a máxima qualidade nos serviços que presta. Ora, entre os princípios fundamentais que fizeram nascer e agora orientam a acção da Liga estão, precisamente, os cuidados a prestar aos doentes mais idosos e às crianças. Como é que poderíamos ficar alheios àquilo que é o inevitável empobrecimento da capacidade de resposta às crianças doentes que, no futuro procurarem o H. S. João?

Foi assim que decidimos, associar-nos às várias instituições que num gesto de saudável altruísmo se uniram para participar nesse justo, indispensável, e oportuno projecto da construção da unidade pediátrica do H. de S. João que tem como símbolo o Joãozinho e a que Victor Baía deu a face risonha, já tão profusamente espalhada pelas nossas ruas para entrar em todos os corações!

Vamos, pois, em parceria com a Câmara Municipal do Porto, a Radiotelevisão Portuguesa, o Jornal de Notícias, a Fundação Victor Baía, a

Opal, e o F. Clube do Porto, contribuir para a concretização desse manancial de esperanças, necessário e lindo como o sorriso das crianças.

Por isso, a vossa ajuda será, a partir de hoje, e por essa razão, ainda mais indispensável e benvinda.

E a minha prece de eremita termina com o grito consagrado pelo meu saudoso Amigo Zeca Afonso: Que cada um dos nossos amigos associados traga outro amigo, também!

Bem hajam!